

criação e crítica

40

LABORATÓRIO DE CRÍTICA DOS HUMANISMOS DAS LITERATURAS

Lúcia Vilela Ricotta Pinto¹

São basicamente 3 tipos de professores:

Aqueles com quem você tomaria (às vezes toma mesmo) uma
cerveja

Aqueles com quem você recusaria a cerveja, mesmo ele
pagando

Aqueles que você quer mandar enfiar a cerveja no cu

Janaina Abílio, *É quase como voltar para casa*

Resumo: Propõe-se uma atividade destinada a estudantes do curso de Letras, com foco em reflexão crítica e historiográfica. A partir da leitura de **Afropessimismo**, de Frank Wilderson III, apresentamos um debate sobre como a escrita de um ensaio é redesenhada para assegurar um compromisso com o povo negro. Wilderson se insurgiu neste livro contra violências conceituais e estruturais. Sua capacidade de explicar relações de poder foi também um aprendizado das aulas com o professor Edward Said. Proponho um percurso crítico baseado na teoria afropessimista. Em seguida, um percurso que passa pelo engajamento de Said com o povo Palestino, e chegue à historiografia de um intelectual alemão exilado na Turquia. Said afirma ser *Mimesis: a representação da realidade na literatura Ocidental*, de Erich Auerbach (1946), o apogeu da prática humanista, na qual um judeu da diáspora no

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Escola de Letras do Centro de Letras e Artes. Graduação em História pela PUC-Rio (1993), mestrado em Literatura Brasileira pela UERJ (1997), doutorado em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2002), pós-doutorado no IEL/UNICAMP (2011-12) e pós-doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Letras da PUC-Rio (2012-13). Professora Visitante na Università Ca Foscari Venezia (2019-2020). 22 artigos completos publicados em periódicos; 10 livros/revistas publicados/ organizados; 6 capítulos de livros; 3 textos em jornais/revistas; 56 apresentações de trabalhos; 5 traduções (artigos, capítulos); 3 orientações de mestrado concluídas; 2 co-orientações de mestrado concluídas; 14 iniciação científica concluídas; 5 monografias concluídas; 42 participações em bancas e trabalhos de conclusão. Trabalha na área de teoria literária, literatura brasileira, filosofia e antropologia, com atuação nos seguintes temas: estudos da contemporaneidade, teorias críticas, novas epistemologias, letras e artes, cultura literária brasileira, estudos sobre Alexander von Humboldt, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Maria Martins. Email: lucivilelapinto@gmail.com

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

exílio muçulmano escreveu sobre o legado da representação da realidade na literatura ocidental. Apresento um exercício de singularização dos métodos críticos, no qual se busca identificar pontos em comum, contrastes ou variações. Pôr em confronto os humanismos e a maneira inconciliável entre negros e humanos, para que estudantes debatam as implicações dos paradigmas de violência e dos textos para a vida de uns e para a morte de outros.

Palavras-chave: Estudos Literários; Ensaio; Historiografia; Humanismo; Afropessimismo.

LABORATORY OF CRITICISM ON THE HUMANISMS OF THE LITERATURES

Abstract: An activity is proposed to be applied to students of a subject on critical and historiographical reflection in the Literature course. Based on the reading of Afropessimism, by Frank Wilderson III, a debate will be held on how the writing of an essay is redesigned to ensure a commitment to black people. Wilderson rises up against conceptual and structural violence in this book. His ability to explain power relations was also learned from classes with Professor Edward Said. I would like a critical path that starts from your Afropessimist theory. Then, it would go through Said's engagement with the Palestinian people, and arrive at the historiography of a German intellectual exiled in Türkiye. Said claims that Erich Auerbach's **Mimesis** is the apogee of humanist practice, in which a diaspora Jew in Muslim exile wrote about the legacy of the representation of reality in Western literature. I propose an exercise in singularizing critical methods, in which we seek to identify common points, contrasts or variations. Bring humanism and the irreconcilable relationship between black people and humans into conflict, so that students can debate the implications of paradigms of violence and texts for the lives of some and the death of others.

Keywords: Literary Studies; Essay; Historiography; Humanism; Afropessimism.

ENCRUZILHADA² DE EPISTEMES: HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMO

O nosso trabalho é cada vez mais duro, mas eu adoro. Nunca reclamaria de estar cansada dos desafios da sala de aula. Na universidade pública hoje há vozes

² Interessa a noção desenvolvida por Leda Maria Martins, em **Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**, definida da seguinte forma: "O termo *encruzilhada*, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação dos trânsitos sistêmicos e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos" (MARTINS, 2021, p. 34)

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

de um coro que buscam uma ética, no falar sobre suas histórias, no ouvir sobre vidas e em embates com epistemes. Gosto quando a Flora Süssekind (2022), em **Coros, Contrários, Massa**, fala da urgência política do coro. No seu modo de entender, a pluralidade das produções culturais contemporâneas – “pela consideração de métodos polifônicos e intermediáticos particulares de composição” (p. II) –, apresenta uma instância de ser das produções em que estas “excedem e negociam com limites” o tempo todo.

Um dos experimentos mais interessantes da crítica contemporânea, da fabulação crítica, de Saidiya Hartman (2020), se desenvolve em negociações e com limites. A começar pela definição dedicada a uma cosmovisão do coro. **Vidas Rebeldes, Belos experimentos** (2022) considera que “a etimologia grega da palavra *coro* remete ao ato de dançar dentro de um espaço cercado” (HARTMAN, 2022, p. 364). Afirma, assim, que nos atos de rebeldia e recusa aos valores da branquitude existe uma performance de “colaboração e improvisado”, que efetivamente dá lugar a um *dançar dentro de um espaço* de controle sobre corpos e experiências. O coro e a dança são personagens de corpos flexíveis, não enrijecidos pelas imposições.

Alain Badiou encontra em Nietzsche uma definição de dança. Profundamente mobilizado pela dança como “imagem do pensamento e real do corpo”, Badiou (2021) considera aí a “mobilidade fortemente ligada a si mesma, uma mobilidade que não se inscreve em uma determinação exterior, mas que se move sem despregar-se de seu próprio centro. Uma mobilidade não imposta que se desprega como se fosse a expansão de seu centro” (BADIOU, 2009, p. 107). No entanto, Leda Martins propõe a própria disseminação da noção de centro por um outro tipo de mobilidade, a do “traçado espiralar” (2021, p. 35). Talvez sua proposta mais afeita à crítica pós-colonial seja mais interessante para se configurar o contexto pluralizado de gênero, raça e sexualidade na universidade. Apoiada em Ralph Ellison, aproxima o movimento-solo do improvisado do jazz, em que “cada artista (...) representa uma definição de sua identidade: como indivíduo, como membro da coletividade e como um elo na corrente da tradição” (MARTINS, 2021, p. 35).

Por ser o coro um corpo uno e ao mesmo tempo plural – de jovens negras – movimenta um coletivo articulado por uma “longa história de luta” na “prática incessante do radicalismo negro”, no emprego coletivizado do tumulto e revolta. (Hartman, 2022, p. 364). Diz Hartman (2022, p. 365): “Então tudo depende delas, e não do herói que ocupa o centro do palco, envaidecido e soberano”. O coro seria um

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

espaço sensível dos belos experimentos nos quais as histórias de jovens negras em franca rebelião, na virada do século XX, são alteradas por "variações infinitas", transformando, contudo, "os termos do possível" (HARTMAN, 2022, p. 365 e 364).

Retornando à questão dos limites e da negociação com eles, tão presentes em nossa prática de sala de aula, focaremos em como determinados contextos ensaísticos operam com limites da lei e da legibilidade, especialmente quando há uma ética a buscar e vidas envolvidas na dinâmica do conhecimento.

Não é exagero afirmar que a comunidade de estudantes em sala de aula forma vozes e corpos compostos por múltiplos extratos culturais, práticas e saberes diversos. Como observa Sússekind (2022), embora ela não trate diretamente da sala de aula no ensaio citado, é na dimensão, não só de conjugação, mas de discórdia que se deve apreender as corralidades contemporâneas. A ensaísta chama atenção para uma intensificação da perspectiva crítica que elas trazem, uma perspectiva auto-inclusiva que privilegia, em vez do consenso, a discórdia, o conflito, que se abririam ainda em um campo de transformações e variações. Identifico esse movimento em autorias críticas que buscam ou buscaram rehistoricizar vidas e práticas artísticas e textuais do passado, ensaiando formas de recuperar a memória histórica em dinâmicas que rompem com a institucionalidade do ensaio teórico.

Discuto, de modo resumido, a proposta de uma encruzilhada de autorias críticas e historiográficas de contextos políticos bem distintos: Frank Wilderson – Edward Said – Erich Auerbach. A escolha se deu em função da aposta de que uma nova relação com o saber sobre os humanismos precisa ser elaborada.

A partir de afirmações de Frank Wilderson (2021) sobre as implicações das teorias, de paradigmas de violência e do funcionamento de textos para a vida de uns e para a morte de outros, gostaria de discutir como reflexões críticas e historiográficas, conhecidas por seus legados humanistas e não-humanistas, irão se comprometer com vidas de sujeitas/os que irão se tornar leitoras/es das literaturas e agenciadoras/es de uma visão crítica de mundo e de nosso presente.

Aprendemos por termos lido livros, mas como ensinar ingressantes na universidade com leituras, textos e livros se, muitas vezes, eles/elas são vítimas de falhas estruturais no sistema educacional que comprometem o espaço da/o leitora/o interpretativa/o e da produção textual e de escrita? Não parece correto que as condições precárias para certas existências sejam solucionadas com arranjos de palavras e pensamentos. Por isso, pensei em explorar as memórias em ensaios, os

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

arcos narrativos e os modos relacionais que reflexões críticas evocam em autorias situadas em contextos de limites, exceções e novos fascismos.

Lembro de uma bela passagem do ensaio “*As afinidades eletivas* de Goethe” em que Walter Benjamin diz sobre o crítico como alquimista. Alguém que perceba as obras como fogueiras cercadas pelo “enigma do vivo”. A fogueira e o seu enigma do vivo impossibilitam os dispositivos de acomodações institucionais e normativas das respostas críticas, tornando-as passíveis de indeterminações. De tal modo que, afirma Benjamin, “um cego, ao qual é vedado o infinitamente visível, pode apreender no audível o infinitamente vivo” (BENJAMIN, 2009, p. 46-7).

Sugiro o trabalho com ensaios historiográficos que constroem percursos de memória ou relatos autobiográficos da crítica e do crítico. Interessam, sobretudo, os registros que, a partir de agora, podemos chamar de experimentos. Esses experimentos, ao se debruçarem sobre a produção literária e cultural, buscam ultrapassar a normatividade conceitual e flexibilizar a crítica por meio de materiais de (auto)reflexão. Expõem e ocultam seu próprio plano e invenção, de modo a que o interno e o externo funcionem simultaneamente, neutralizando qualquer oposição. Constituem assim uma relação, tanto pessoal quanto coletiva, com quem vive sob a condição de subtração de seu tecido existencial. Sob a perspectiva, afinal, da crise do humano e das humanidades e mundos.

WILDERSON – SAID – AUERBACH

Vale um ponto inicial de reflexão. A afirmação de Edward Said, tirada de **Humanismo e crítica democrática** (2007), vincula humanismo à leitura e aos mundos que se combinam e se distanciam através dela. Cito passagem do livro:

Sim, precisamos sempre voltar às palavras e às estruturas nos livros que lemos, (...) os leitores também devem estender as suas leituras para os vários mundos em que cada um de nós reside. É especialmente apropriado que o humanista contemporâneo cultive essa percepção de mundos múltiplos e tradições complexas que interagem umas com as outras, essa inevitável combinação que mencionei de participação e distanciamento, recepção e resistência (SAID, 2005, p. 101).

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Escolhi explorar diferentes lógicas de humanismos, como as de Edward Said e Erich Auerbach, e o afropessimismo de Frank Wilderson, que se apresenta como um "corretivo para as lógicas presumidas pelo humanismo" (Wilderson, 2021, p. 53). Essa escolha foi motivada principalmente pelas várias referências que Wilderson faz em **Afropessimismo** às aulas, sessões de estudos, lições e confrontos acadêmicos. Embora tenha aprendido com Said, sua formação foi influenciada também por outros fatores. Seus pais eram acadêmicos. Ele foi introduzido à leitura de *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, por um integrante dos Panteras Negras que organizava grupos de leitura para "garotos que estavam começando o ensino médio" (Wilderson, 2021, p. 43).

No seminário anual do *Projeto de Estudos Culturais*, que frequentou durante o mestrado que fazia em Columbia, Wilderson é conduzido por Edward Said e Jean Franco, professora e crítica dedicada à literatura latino-americana. Ele diz que sua "habilidade de explicar relações de poder [...] cresceu rapidamente". Conheceu as possibilidades de uma estratégia de luta revolucionária do povo Palestino, a chamada "rigidez estratégica", que dialoga, se aproxima e se distancia de sua teoria afropessimista da violência que vai sendo discutida em detalhes no livro. Seu pensamento é amplamente complexificado nos encontros letivos e acadêmicos por intelectuais engajados em lutas, inclusive armadas. Ele faz referência a "uma guerra em sua mente" (WILDERSON, 2021, p. 228)

É pertinente revisitar Edward Said hoje. A situação na Palestina nos afeta novamente, dado que testemunhamos diariamente o genocídio dos palestinos pelo Estado de Israel. As recentes manifestações de estudantes pró-Palestina e contra a guerra promovida por entidades sionistas nos Estados Unidos e Israel, já são parte da história. Amplamente divulgadas no Instagram, garantem que nenhuma mentira embranquecedora (*whitewashed lies*) substitua a verdade, conforme as palavras em comentários de Instagram à época.

Os protestos na Universidade de Columbia, entre abril e maio de 2024, desencadearam manifestações em outras universidades dos EUA. De acordo com o *The New York Times*, mais de 1.000 manifestantes foram presos e sofreram violência policial brutal nos campi. Redes sociais exibiram imagens de repressão e resistência dos manifestantes, e a ativista Fatima Mohammed se pronunciou durante os protestos de maio:

criação e crítica

40

Eles acham que podem plantar medo em nossos corações. Sabemos por que estamos aqui. Ontem, enquanto o departamento de polícia de NY brutalizava os manifestantes, a entidade sionista estava bombardeando Rafah. Eles estavam matando nossas mães, matando nossas irmãs, matando nossos pais. Não vamos descansar. Isso não é um slogan, é uma promessa (https://www.instagram.com/p/C6e4tT3P7yp/?img_index=8).

Edward Said, conhecido por ensinar uma prática humanista e ativismo político no âmbito da pesquisa acadêmica, é uma referência para Wilderson pensar em um tipo de violência como pré-condição para o pensamento. A partir dessa premissa, Wilderson desenvolve proposições em torno de uma episteme que questione paradigmaticamente estruturas sociais existentes. No cerne do afropessimismo, está o conceito de morte social dos negros que se coloca em posição antagônica ao paradigma de violência de uma pessoa não negra, como, por exemplo, os palestinos. Nesse ponto, Wilderson diverge de Said. Enquanto, na Argélia de Frantz Fanon ou na Palestina de Edward Said, a violência é concebida “como um fio de terra terapêutico” (p. 271), com um propósito articulável – a recuperação da terra nativa –, oferecendo, assim, uma possibilidade de redenção política, essa redenção não existe para os negros.

Said foi um atento estudioso da obra de Frantz Fanon. É através dele que Wilderson lê **Os Condenados da Terra** e reconhece a adoção dos termos fanonianos, como a “rigidez estratégica”, na luta palestina. Contudo, é fundamental buscar outra orientação diante da crise do humano, uma orientação “a um só tempo trágic[a] e esperanços[a]” (SAID, 2021, p. XXXII). Nesse sentido, é oportuno considerar Said como um leitor de destaque do intelectual alemão Erich Auerbach, e de sua experiência ao escrever e concluir um livro que traça uma linha entre a poesia de Homero e a prosa de Virginia Woolf, finalizado um ano após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1946.

Na “Introdução à edição comemorativa de cinquenta anos da edição americana”, Said ressalta a reflexão de Auerbach sobre seu método filológico aplicado aos textos europeus como “um processo de elaboração e interpretação cujo objeto somos nós mesmos”. A esse respeito Said afirma:

criação e crítica

40

Considero profundamente tocante esse testemunho de autocompreensão. Vários reconhecimentos e afirmações estão em jogo dentro dele e, às vezes, também em conflito. Primeiro, ancorar a ambiciosa história das representações ocidentais não num método preexistente ou numa moldura temporal esquemática, mas apenas no interesse pessoal, no aprendizado e na prática (SAID, 2021, p. XLVII).

Said considera *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1946), de Erich Auerbach, como a "prática humanista em seu ápice", uma obra na qual um judeu da diáspora, exilado em território muçulmano, discorre sobre o legado da representação da realidade na literatura ocidental. Nesse contexto, propõe-se aos estudantes um exercício de singularização e análise das inter-relações entre diferentes métodos críticos (Wilderson-Said-Auerbach). A ideia é construir um quadro contrastivo, no qual se busque identificar pontos de convergência, divergência ou variações entre esses pensamentos. O objetivo final é confrontar as noções de humanismo e a incompatibilidade entre a concepção de negros e humanos, conforme delineada por Wilderson, além de fornecer subsídios para que os estudantes possam debater as implicações teóricas, os paradigmas de violência e o impacto dos textos e saberes em suas próprias vidas.

Pretendo me debruçar sobre os limites que nossas humanidades podem encontrar, refletindo sobre como os textos e as leituras que se definem por seus humanismos contemplam – ou não – abordagens mais inclusivas no que diz respeito às identidades políticas presentes na universidade. Como estabelecer alianças entre nossos saberes e repertórios, considerando outras divisas epistemológicas? Precisamos estar atentos aos limites que a ideia de comum e comunidade impõe-nos para reavaliarmos nossos horizontes de expectativa e reformularmos nossas estratégias pedagógicas e curriculares.

Um dos focos do curso de Letras da é pensar em novas práticas historiográficas e interartísticas. Interessa, com isso, sistemas de significação passíveis de desmontagem e análises em unidades menores. As unidades presentes no arquivo, por exemplo, nas práticas textuais e conceituais que também se configuram nos usos cotidianos de escritas e oralidades, e em intervenções políticas e agenciamentos subjetivos.

Um eixo estruturante dos componentes disciplinares da formação em língua portuguesa e literaturas é a política e a memória do texto. O eixo reúne as seguintes

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

disciplinas: História da Literatura, da Arte e Sociedade; Estudos da Oralidade I e II; História Social da Escrita e da Leitura; Estudos da Materialidade do Texto; Historiografia Literária; Estágio supervisionado II (um estágio em arquivos literários da Casa de Rui Barbosa e no Departamento de Literatura do Instituto Moreira Salles-RJ); Geografias da Escrita; Tópicos Especiais em Literatura I - Movimentos da História da Arte e Literatura; Historiografia da Literatura Brasileira; e Políticas da Literatura e das Artes. Trata-se de uma aproximação mutuamente crítica da tradição e da experiência literária e cultural contemporânea.

Neste contexto, proponho a elaboração de um caderno que inclua anotações, pontos de inflexão e breves esclarecimentos, tanto durante as aulas quanto nos momentos de estudo. Trata-se de um caderno no qual os estudantes serão levados a anotar o conteúdo das discussões e leituras, praticando um gênero de escrita que exige a proximidade com uma escuta atenta e uma voz ativa, contrastada com o distanciamento histórico de escritores e artistas que são de um tempo diferente. Tal prática é fundamental para uma disciplina como "História da Literatura, da Arte e Sociedade", oferecida no primeiro período do curso, que visa refletir sobre *o que* e *como* outras mãos escreveram e criaram. A proposta dessas formas nos cadernos busca instaurar caminhos de interrogação, tanto em relação às lacunas e esquecimentos, quanto às potencialidades presentes no processo de reescrita das histórias da literatura e da arte.

O formato de caderno proposto tem como objetivo aproximá-los da escrita à mão, privilegiando a experiência sobre o mero acúmulo de conhecimento, ou, ainda, de um saber que esteja enraizado em seus corpos, mais visceral e corpóreo. Trata-se de uma escrita que se constrói de forma esboçada, rascunhada e inacabada. Sendo estudantes em fase inicial na faculdade, o exercício de escrita sugerido assume um papel político: o de capacitá-los a se tornarem estudantes profissionais, desenvolvendo a expressão singular de cada um diante das leituras propostas. Nosso propósito é que os estudantes sejam capazes de ler o mundo em múltiplas camadas, vivenciando experiências de atravessamento com a linguagem. Esperamos que realizem experimentos com palavras, objetos verbais e não-verbais, bem como com dispositivos conceituais, de forma a agenciar efetivamente saberes. Trata-se de algo vital, um canto interior que ressoa "em um mundo em decomposição" (Emicida).

As turmas do primeiro período são compostas por estudantes com trajetórias muito diferentes, que estão ali por razões que extrapolam muitas vezes o desejo de

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

saber, buscam o ingresso no ensino superior, renovações em suas formações e relações intersubjetivas com professor/a, demais colegas para criação de vínculos que os possam conectar ao papel de estudantes que irão agora desempenhar.

A ementa da disciplina História da Literatura, da Arte e Sociedade é formada inteiramente por autores homens brancos europeus canônicos, como (Candido, Williams, Escarpit, Bourdieu, Jameson que consideram aspectos genésicos da literatura e das artes como autoria, datação, anacronismo, maior/menor; hegemônico/periférico e construção do tempo sob a forma de permanências, ciclos, revoluções, progresso, decadência, prefiguração, retorno. A ementa da disciplina foi elaborada, em data recente, no contexto da fundação do curso de Letras da, em 2010, com um projeto político-pedagógico que está comprometido com as Letras do século XXI. Busco textos capazes de contrapor o paradigma hegemônico e universalista das historiografias europeias, introduzindo-os ao tensionamento propositado de repertórios e categorias com outros paradigmas.

Minha proposta é iniciar pela leitura e discussão do quinto capítulo de **Afropessimismo** (2020), de Frank Wilderson, intitulado "O problema com os humanos". Nesse capítulo, Wilderson relata ter lido o ensaio de Saidiya Hartman "como ela desejava que fosse lido: não como um relato histórico, mas como uma alegoria do presente" (p. 220). O ensaio em questão, **Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth Century America (Cenas de Sujeição: Terror, Escravidão e Automodelagem na América do Século XIX)** revela um aprendizado fundamental para Wilderson: ler o passado como uma alegoria que ilumina o presente. Esse gesto reflete o desejo de Hartman de que "não é tarde demais para acreditar em sonhos de liberdade" (HARTMAN, 2021, p. 135). Como Hartman afirma: "Eu também vivo no tempo da escravidão, o que significa que estou vivendo no futuro criado por ela". Para ela, a história permanece como uma ferida aberta; a escravidão, longe de ter chegado a um fim, continua a causar danos crescentes com o passar do tempo. Assim, se Hartman afirma viver no tempo da escravidão, é porque o presente ainda a impele a buscar uma saída dessa prisão, uma prisão que é continuamente reconfigurada pelo fantasma da escravidão que assombra o presente. A questão central não está, portanto, na impossibilidade de escapar do estrangulamento do passado, mas sim na reivindicação ativa sobre o que chama de as condições perigosas do presente.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

O que está em jogo é a difícil tarefa em traduzir o sentido da palavra *estupro* quando se trata de julgar a violência física e sexual contra mulheres negras. Há um desvio da palavra (que é histórico e também do nosso presente). Há a triste constatação ante a realidade de que a violência às mulheres, jovens e crianças negras em nosso país, por exemplo, são hoje transformadas em direito e tem servido paradoxalmente para fortalecer algumas fantasias e crenças canalizadas pela extrema direita. No lugar do conteúdo traumático renegado, vemos o estupro de mulheres sendo tratado como um presente que um homem dá a uma mulher³.

Historicamente, o crime de estupro não era reconhecido. Saidiya Hartman, ao examinar casos de mulheres que tentaram processar seus estupradores – que eram também seus senhores –, observa que, nos estatutos legais do século XIX, não havia qualquer reconhecimento do consentimento sexual como um direito das escravizadas. Tal prerrogativa pertencia exclusivamente aos senhores. Nesse contexto, será promovido um debate sobre como a escrita de um ensaio pode ser redesenhada para garantir o "mandato do povo negro no grau mais elevado possível". Frank Wilderson, em sua obra, ergue-se contra as violências conceituais e estruturais, adotando ainda uma perspectiva crítica autoperspectivizada. Para um afropessimista como Wilderson, aos negros são atribuídos a posição mais degradada de um sentido possível de humanidade. Ele afirma: "somos o lócus da impossibilidade humana" (p. 252). Em outras palavras, o somos refere-se não ao *nós*, *humanos* da modernidade ocidental, mas sim ao *nós* da negritude, frequentemente traduzida como "nenhum humano envolvido". Wilderson sustenta que "a produção da capacidade humana parasita a carne do escravizado, do negro" (p. 220).

³ Observe o que ocorreu no Brasil em 2014. Jair Bolsonaro, ainda deputado federal na época, incitou criminosamente o estupro de uma deputada branca. Em discurso no plenário da Câmara Federal, declarou que só não cometeria estupro contra a deputada Maria do Rosário, do PT do Rio Grande do Sul e ex-ministra dos Direitos Humanos no governo Dilma, "porque ela não merecia". O ataque verbal aconteceu enquanto a deputada discursava na tribuna da Câmara, em comemoração ao Dia Internacional dos Direitos Humanos e à entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Que este episódio seja lido não apenas como um relato histórico, mas como uma alegoria do presente.

Recordo a atuação de Bolsonaro nesse episódio para refletir sobre o "modo [parasitário] de atuação" política em nosso contexto totalitário, conforme denominado por Flora Süssekind. Tal modo é parasitário e opera por meio de inversões semânticas. Ele também promove um esvaziamento e desvio de nossas fantasias políticas, como Süssekind argumenta em **Coros, Contrários, Massa** (SÜSSEKIND, 2022, p. 607-615).

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Quando Edward Said analisa *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, de Erich Auerbach, ressalta o caráter profundamente pessoal da obra. "O livro de Erich Auerbach é pessoal", afirma Said (2021, p. XLVIII), destacando que a obra está marcada de forma indelével pela experiência do exílio do autor. Auerbach, um judeu branco da diáspora, exilado em território não europeu, lida, segundo Said, com um "conjunto de contradições que, de muitas maneiras, são inconciliáveis". Said também observa que tudo no livro "se resume inequivocamente a um esforço pessoal. Auerbach não oferece nenhum sistema, nenhum atalho para o que ele nos apresenta como uma história da representação da realidade na literatura ocidental" (p. p. XLVIII). Ele prossegue: "É como se Auerbach estivesse determinado a expor suas explorações pessoais e, inevitavelmente, sua falibilidade ao olhar, possivelmente desdenhoso, de críticos que poderiam zombar de sua subjetividade" (p. XLVIII). Contradições que têm a ver com a estadia na Turquia e o legado da literatura ocidental, com o conceito de representação, de realidade ocidental, que se traduzem em autores e obras canônicas desde a Antiguidade clássica até o período de entre-guerras europeu do século XX. Isso certamente resultou, com efeito, em uma história historicista da literatura, determinada pela cronologia, pela sucessividade temporal e pela universalização de textos e sujeitos ocidentais.

Auerbach foi exonerado da Universidade de Marburg em 1935, após a promulgação de um decreto antissemita por Hitler, que previa a exclusão do serviço público de todos/as aqueles/as que tivessem pelo menos dois avós de origem judaica. Com isso, Auerbach perdeu sua cidadania alemã e foi forçado a se aposentar compulsoriamente de seu cargo como bibliotecário na Universidade. Em seguida, emigrou para Istambul, onde redigiu *Mimesis*. Nesse contexto, dedicou-se a sistematizar as matrizes do que ele compreendia como realismo na tradição literária ocidental, abordando tanto a historicidade dos realismos quanto os processos históricos que os moldaram. Auerbach expressa, assim, uma preocupação central com as possibilidades de leitura e a capacidade de empatia histórica de leitores/as.

No ensaio **Dante: Poeta do Mundo Secular** (1929), Auerbach questiona: "Será que um leitor moderno, mesmo altamente instruído e dotado do mais elevado grau de empatia histórica, conseguiria penetrar no pensamento de Dante se for completamente avesso e hostil ao seu modo de pensar?" Sua análise da catástrofe política vivida por Dante permite-lhe testemunhar a amarga e infeliz trajetória de vida do poeta, marcada por uma grave crise interior que culmina em seu exílio político e

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

pelo "ódio espontâneo à injustiça". Auerbach (1997) argumenta que Dante "superou essa crise, e ela enriqueceu sobremaneira sua experiência pessoal" (p.107)

Para Auerbach, Dante oferece aos seus leitores um alimento essencial de humanismo; "a voz europeia, que é a sua voz, se faz presente e é claramente audível" (AUERBACH, 1997, p. 99). Um leitor ou uma leitora, mesmo inseridos em contextos históricos distintos, são capazes de compreender e vivenciar os sofrimentos de Dante. O caráter profundamente humano da **Comédia** permite dissolver a linearidade histórica que, à primeira vista, separaria Dante de Auerbach e de futuros/as leitor/as.

Para Auerbach, a representação literária de um determinado período histórico possui um caráter expressivo, onde nada é aleatório. Ao abordar o estilo dos autores europeus – e de uma única escritora europeia, Virginia Woolf – ele o associa diretamente a uma época específica. O estilo, para Auerbach, é a expressão capaz de traduzir o espírito geral de um tempo histórico. Dessa forma, o estilo reflete o contexto em que o artista viveu e produziu, funcionando como um sinal distintivo de época e uma manifestação de sua visão de mundo. É como se existisse uma unidade orgânica entre os elementos de cada período, guiada por um princípio ordenador que define o "espírito" essencial daquele tempo histórico, inevitavelmente ligado ao espírito da civilização europeia ocidental.

Neste semestre, tive uma experiência em sala de aula com a obra de Auerbach. Durante as discussões sobre o capítulo "A Cicatriz de Ulisses", notei que a maioria dos estudantes estava com exemplares de **Mimesis** em mãos, folheando o volume. Na aula anterior, mencionei que havia diversos exemplares disponíveis na biblioteca central, e eles foram depois lá para emprestar o livro. Quatro estudantes, em particular, me relataram que gostaram tanto da leitura que decidiram adquirir o livro.

Isso se dá no âmbito de uma disciplina de primeiro período de estudantes de Letras da Unirio, que é um curso criado pelas políticas do Reuni. Políticas sob efeito de uma demanda social de dar a possibilidade de pessoas que trabalham estudarem em uma faculdade no turno noturno, depois da jornada diária do trabalho. A maioria dos/as estudantes é formada por pessoas que exercem variadas funções. É aqui que me posiciono no mundo acadêmico, exercendo um papel de mediadora de um vocabulário crítico e racial em um universo discente tão heterogêneo.

Como conclusão, podemos afirmar que o debate sobre humanismos e anti-humanismos, proposto através de Wilderson, Said e Auerbach, tensiona a historiografia literária e da arte. As epistemes aqui discutidas, especialmente no

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

contraste entre o afropessimismo e as tradições humanistas ocidentais, oferecem um percurso para reexaminar como a literatura e a arte são instituídas na sua canonicidade por paradigmas de poder, violência e exclusão. A proposta de reposicionar os textos em suas dinâmicas históricas e políticas, compreendendo-os como campos de disputa e resistência, sugere a necessidade de outras perspectivas, mais expandidas, sobre o legado da crítica.

Neste contexto, o laboratório de crítica dos humanismos e anti-humanismo enseja um espaço crítico e de hesitação para leitura e interpretação. A prática de escrita à mão dos cadernos, sugerida como parte essencial da formação dos/as estudantes, emerge como uma estratégia para aproximar a escuta e a leitura dentro de um campo de atenção com a escrita, estimulando uma reflexão mais profunda. Este ato de anotar e esboçar pensamentos em cadernos funciona como um convite à singularização dos métodos críticos, onde o gesto de escrever se torna inseparável do compromisso ético e político que os textos propõem. A escrita manuscrita, assim, intensifica o envolvimento com os textos, permitindo que os/as estudantes articulem suas próprias experiências às questões que atravessam os debates sobre violência, exclusão e memória.

A atividade do caderno está sendo aplicada, ainda que parcialmente, na disciplina de primeiro período no curso de Letras, incluindo *História da Literatura, da Arte e Sociedade*. Estudantes demonstram um aumento no engajamento com as leituras propostas e maior autonomia na formulação de reflexões críticas. A escrita à mão, sugerida como parte essencial do exercício, contribuiu para que desenvolvessem uma relação mais próxima com os textos, potencializando sua capacidade de articular experiências pessoais às discussões teóricas em sala de aula.

A memória dos críticos, como mencionada acima, tem, de fato, repercutido na memória e na reflexão dos estudantes. Em sala de aula, surgem observações espontâneas que ligam as questões históricas e críticas aos contextos vivenciados por eles/as. As discussões frequentemente revelam a diversidade de perspectivas trazida pelos estudantes, especialmente em um contexto tão heterogêneo. Notamos comentários que conectam as leituras teóricas às experiências cotidianas, sejam elas de ordem social, política ou cultural. Além disso, alguns estudantes destacaram como as práticas de leitura e escrita propostas na disciplina os ajudaram a lidar com os

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

limites impostos por seus repertórios escolares prévios, ampliando sua capacidade de interpretar criticamente o mundo ao seu redor.

A partir das histórias dos limites impostos pelos paradigmas da modernidade ocidental, surge a possibilidade de reconfigurar as histórias que contamos e como nos situamos nelas. Essa tensão entre humanismo e anti-humanismo, portanto, não se encerra nas análises de Wilderson, Said e Auerbach, mas aponta para um horizonte no qual as práticas historiográficas podem ser constantemente reimaginadas em diálogo com as urgências do presente.

Referências

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

AUERBACH, Erich. *Dante: Poeta do mundo secular*. Tradução Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

BADIOU, ALAN. *Pequeno manual de inestética*. Buenos Aires :Prometeo Libros, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Ensaio Reunidos: escritos sobre Goethe*. Tradução Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do rosário no jatobá*. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.



CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

SAID, Edward. *Representações do intelectual: As conferências Reith de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward. "Introdução à edição comemorativa de cinquenta anos de edição americana". In. AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SUSSEKIND, Flora. *Coros, contrários, Massa*. Recife: Cepe, 2022.

WILDERSON III, Frank. *Afropessimismo*. Tradução de Rogerio W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo, Todavia, 2021.

Submetido em: 04/11/2024

Aceito em: 29/09/2024

